

Educação inclusiva, Transtorno do Espectro Autista e práticas pedagógicas musicais: possibilidades de formação continuada

Comunicação

GTE 13 – Ensino Superior de Música

Emilly Dias Carvalho

Universidade Estadual de Feira de Santana

carvalhoemilly73@gmail.com

Mônica Cajazeira Santana Vasconcelos

Universidade Estadual de Feira de Santana

moncajazeira@uefs.br

Resumo: O presente artigo apresenta os resultados de um plano de trabalho vinculado a um programa de extensão universitária que teve como objetivo, organizar cursos de capacitação, aperfeiçoamento e atualização sobre educação inclusiva, sobretudo no âmbito do Transtorno do Espectro Autista (TEA), utilizando a educação musical. O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por condições que frequentemente surgem nos estágios iniciais do desenvolvimento, geralmente na primeira infância, antes mesmo do início da educação formal. Conforme proposto, foram realizados cursos de formação voltados para discentes, docentes e o público em geral, com o objetivo de promover conhecimento e sensibilização acerca da inclusão de pessoas com TEA. Além disso, foram organizados seminários com temáticas voltadas à Educação Musical Inclusiva, abordando aspectos teóricos e práticos para a construção de práticas pedagógicas acessíveis e equitativas. Complementando essas ações, rodas de conversa interdisciplinares foram conduzidas, proporcionando um espaço de diálogo e troca de experiências entre especialistas, educadores e a comunidade, com foco na conscientização e no fortalecimento de práticas musicais inclusivas. Os resultados apontam impacto significativo na educação musical inclusiva, sobretudo na formação inicial e continuada em curso de licenciatura em música, ao fomentar conhecimentos teóricos quanto práticos na área pedagógica, enriquecendo o repertório de métodos e experiências através de ações extensionistas.

Palavras-chave: Ação extensionista, formação de professores, educação musical inclusiva.

1 Introdução

A extensão universitária é um dos pilares fundamentais das instituições públicas de ensino superior, permitindo o diálogo constante entre universidade e sociedade. Ao articular ensino, pesquisa e ação social, a extensão contribui para a formação crítica de estudantes e promove impactos diretos em comunidades escolares e sociais. Enquanto dimensão indissociável do ensino e da pesquisa, a extensão propicia a formação crítica e cidadã dos estudantes, ao mesmo tempo em que fortalece o compromisso das instituições públicas de ensino superior com a promoção dos direitos humanos, da justiça social e da equidade. A cartilha do bolsista de extensão da Programa Institucional de Bolsa Extensão (PIBEX) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) reitera que:

esta interação que visa ao desenvolvimento mútuo e estabelece a troca de saberes, tem como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com as realidades nacional e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva de comunidades na atuação e na produção do conhecimento da Universidade (UEFS, Cartilha do bolsista de extensão, 2021, p.01)¹.

No âmbito da formação docente, a extensão tem se configurado como espaço privilegiado para o debate sobre temas emergentes, como a educação inclusiva, e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e sensíveis à diversidade. Nesse cenário, a música, como linguagem simbólica e expressão cultural, apresenta-se como uma potente ferramenta para promover o acesso à educação de qualidade, especialmente para estudantes com deficiência e/ou com transtornos do neurodesenvolvimento. Santana (2019) destaca que a música tem o potencial de ultrapassar barreiras sociais, cognitivas e comunicacionais, podendo ser vivenciada em diferentes contextos e ao longo de todas as etapas da vida. Segundo a autora, além de favorecer processos de inclusão, a prática musical estimula a construção de novos saberes e contribui para a criação de ambientes educativos mais ricos, sensíveis e ajustados às especificidades de cada sujeito.

¹ Link da Cartilha do Bolsista PIBEX/UEFS:

http://proex.uefs.br/arquivos/File/PRODUCAO_ACADEMICA/CartilhaBolsistaPIBEXAbril2021.pdf

A inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar demanda uma formação docente contínua, interdisciplinar e ativamente engajada, capaz de compreender as múltiplas formas de aprender, comunicar-se e interagir com o mundo. A educação musical, por suas características sensoriais, estruturais e expressivas, tem se mostrado um campo fértil para experiências pedagógicas inclusivas, favorecendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais.

É com base nesse contexto que se inseriu este plano de trabalho, concebido no âmbito das ações extensionistas de uma universidade pública. A proposta foi planejada com o objetivo de organizar ações formativas voltadas a docentes, discentes e comunidade externa, abordando aspectos teóricos e práticos da educação musical inclusiva, com ênfase nas especificidades do TEA.

Mais do que transmitir conteúdos, o plano visou fomentar a reflexão crítica, o diálogo interdisciplinar e a construção coletiva de estratégias pedagógicas inclusivas, por meio de minicursos, seminários, rodas de conversa e estudos orientados. A partir dessa atuação extensionista, construída com a participação efetiva de uma bolsista PIBEX/UEFS (coautora deste artigo), buscou-se contribuir para a formação continuada de professores comprometidos com a promoção de uma educação musical mais acessível, equitativa e acolhedora, em consonância com os princípios da inclusão escolar e da justiça social. A seguir, apresentamos os fundamentos teóricos que nortearam a proposta, a descrição das atividades realizadas, os resultados obtidos e reflexões sobre sua relevância para a formação de professores e para a educação musical inclusiva.

2 Referencial Teórico

A educação inclusiva é um princípio ético, político e pedagógico que reconhece a diversidade como valor intrínseco à experiência humana e busca garantir o direito à aprendizagem e à participação de todos os estudantes, independentemente de suas subjetividades e singularidades. Tal perspectiva exige a superação de modelos segregadores, baseados em classificações diagnósticas ou em expectativas homogêneas de desempenho, e demanda o investimento em práticas pedagógicas que acolham e respeitem as singularidades dos sujeitos no processo educativo.

De acordo com Mantoan (2003, p. 43), "a formação de professores para a educação inclusiva precisa ser permanente e centrada na escola como espaço de transformação das práticas e atitudes educativas", o que evidencia que a formação não deve ser pontual, mas sim um processo contínuo, reflexivo e contextualizado. A autora enfatiza que a formação docente deve ser permanente, contextualizada e centrada na prática cotidiana da escola, entendida como espaço de transformação social. Isso significa que o professor precisa estar preparado para refletir criticamente sobre sua atuação e desenvolver estratégias pedagógicas que promovam a equidade, a participação ativa e o protagonismo de todos os estudantes.

No que diz respeito ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), torna-se ainda mais evidente a necessidade de abordagens educativas sensíveis às especificidades de cada sujeito. Segundo o Guia para Leigos sobre o Transtorno do Espectro Autista (Moral et al., 2020), o autismo deve ser compreendido como uma forma singular de funcionamento neurológico, que não se limita a um conjunto de déficits, mas que engloba também modos próprios de perceber, sentir e interagir com o mundo. A partir de uma perspectiva biopsicossocial, o guia propõe que os processos educativos sejam organizados com base na escuta das necessidades e potencialidades do indivíduo, considerando seus contextos sociais, emocionais e culturais.

Louro (2021), ao propor uma leitura humanizada da neurociência, reforça a importância de se pensar o sujeito com TEA para além de rótulos diagnósticos. Para a autora, a prática pedagógica inclusiva deve partir da experiência concreta e efetiva do aluno, exigindo do educador um posicionamento ético, sensível e comprometido com a construção de vínculos significativos. Nessa direção, a educação musical se apresenta como uma linguagem potente, capaz de mediar processos de comunicação e expressão mesmo em contextos nos quais a linguagem verbal se mostra limitada. Essa afirmação é corroborada por Santana, Silva Júnior e Sampaio (2023), que, em estudo de caso, evidenciam como a prática musical contribui para a integração sensorial e o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças com autismo.

A literatura também aponta para os efeitos positivos da música sobre o cérebro, especialmente em pessoas com TEA. Estudos como os Souza et al. (2025), analisam o uso da musicoterapia como metodologia ativa em contextos educacionais, destacando seu impacto positivo em habilidades sociais, emocionais e comunicativas de estudantes com TEA. Além

disso, autores como Oliveira e Amorim (2024) enfatizam a importância de estratégias específicas de mediação musical em salas de aula inclusivas, como o uso de reforços visuais, gestos, instrumentos adaptados e ambientes estruturados. Essas práticas colaboram para que o estudante com TEA se sinta pertencente ao espaço educativo, podendo construir sentidos e vínculos a partir da experiência musical.

Diante dessa perspectiva, profissionais que já atuam em diversos espaços de ensino, formal e não-formal, ou que atuam profissionalmente em outras atividades relativas à música, podem contribuir consideravelmente com o desenvolvimento musical de seus alunos. Sob esse viés, a proposta de possibilitar o diálogo e o fomento com a educação inclusiva com professores e estudantes que trabalham com música e/ou querem utilizar as práticas pedagógicas musicais em seus contextos, é relevante, pois as experiências musicais não apenas educam, mas socializam, unem ideais e modificam comportamentos (Santana; Pimentel, 2019). Além disso, devem considerar que, ao receberem o diagnóstico de TEA, os desafios enfrentados pelas famílias exigem muito esforço, mudanças e readaptações. “Deste modo, compreende-se que a revelação diagnóstica do autismo se torna um momento complexo, delicado e desafiador para a família” (Pinto et al., 2016, p.02). A partir disso, uma nova realidade se instala não apenas nessas famílias, mas em todos que as cercam. Esse novo ambiente familiar é rodeado de angústia, frustração, medo e sofrimento (Buscaglia, 2006), fazendo com que essas famílias mudem não só as atividades diárias, como também o “funcionamento psíquico de seus membros” (Fávero; Santos, 2005, p.363, suscitando sobrecarga física e emocional. Portanto, é importante que as pessoas além do âmbito familiar compreendam o que é o TEA, para saberem como agir e acolher essas famílias.

A partir dessa base teórica, compreende-se que a educação musical inclusiva não se resume à presença de estudantes com deficiência nas aulas de música, mas envolve o compromisso de uma pedagogia crítica, criativa e responsiva às diferenças. Formar professores capazes de pensar e agir de maneira ética, empática e colaborativa é, portanto, um dos grandes desafios – e também uma das potencialidades – da educação inclusiva na contemporaneidade.

3 Metodologia

Participaram das ações formativas, discentes de graduação e pós-graduação, professores da rede pública e privada, mães atípicas, profissionais da saúde (psiquiatras, terapeutas ocupacionais, musicoterapeutas, psicólogos) e gestores educacionais. O plano contou com a parceria de projetos interinstitucionais, grupos de pesquisa, centro cultural e comunidade acadêmica e externa, além da colaboração de convidados externos.

3.1 Etapas de execução

A implementação do plano foi estruturada em três eixos de atuação:

(a) Formação teórica: a primeira etapa envolveu a leitura e discussão de textos acadêmicos, artigos científicos e materiais institucionais sobre inclusão escolar, práticas pedagógicas musicais e autismo. Essa etapa foi essencial para o embasamento conceitual do plano, além de possibilitar o amadurecimento crítico da bolsista, uma das autoras deste artigo, e a preparação dos conteúdos a serem socializados nas formações.

(b) Planejamento das ações formativas presenciais e online: ao longo do período de vigência do plano, foram planejadas atividades formativas, a saber, minicursos, rodas de conversa e um seminário, tanto presenciais quanto online, com o intuito de discutir práticas pedagógicas inclusivas no ensino de música, especialmente com estudantes com TEA. Os eventos foram planejados a partir da escuta das demandas da comunidade universitária e escolar, e contaram com a participação de docentes da universidade, profissionais de saúde e educação, pesquisadores convidados e comunidade em geral.

(c) Sistematização e socialização das experiências: A terceira etapa consistiu na produção de relatórios, organização de registros audiovisuais e reflexões escritas sobre as atividades realizadas em evento da extensão universitária, possibilitando a avaliação do impacto das ações extensionistas tanto na formação da bolsista quanto nos espaços de atuação coletiva. Esse processo de sistematização também permitiu o planejamento de desdobramentos futuros, como a elaboração de novos cursos e publicações acadêmicas.

3.2 Atividades desenvolvidas

Entre as ações (Figura 1), destacaram-se os cursos de capacitação, que abordaram fundamentos conceituais e estratégias pedagógicas inclusivas no contexto da educação musical. Também foi realizado um seminário com temáticas específicas sobre Educação Musical Inclusiva, articulando reflexões teóricas e práticas pedagógicas voltadas à construção de ambientes educacionais mais acessíveis, equitativos e sensíveis à diversidade. Complementando essas iniciativas, rodas de conversa interdisciplinares criaram espaços de escuta e compartilhamento de experiências entre especialistas de áreas da saúde, educadores, familiares e demais interessados, fortalecendo o diálogo e o engajamento coletivo em torno da promoção de práticas musicais inclusivas.

As atividades formativas foram organizadas conforme cronograma de execução previamente elaborado e aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão. Dentre os eventos promovidos, destacam-se:

(a) Minicurso (26 e 27 de abril/2024): “Possibilidades de Inclusão: A Música como Processo Multissensorial para a Aprendizagem de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista”, com enfoque prático e teórico, promovido presencialmente para estudantes e professores da área de educação e artes. O evento teve como objetivo explorar práticas pedagógicas musicais como ferramenta inclusiva e promotora de desenvolvimento cognitivo, sensorial e social para estudantes com TEA. A atividade proporcionou aos participantes uma abordagem prática e teórica, destacando a música como recurso multissensorial no contexto educacional inclusivo. Participaram em torno de 50 pessoas.

(b) Roda de conversa (27 de maio/2024): “A Inclusão de Estudantes com TEA na UEFS”, com debate sobre capacitismo e vivências acadêmicas de estudantes neurodivergentes. Participaram cerca de 40 pessoas.

(c) Roda de conversa (14 de setembro/2024): “Transtorno do Espectro Autista: Juntos pela Inclusão e Compreensão”, com mediação interdisciplinar e ampla participação comunitária. O evento contou com a participação de renomados profissionais da saúde com experiência em transtornos do neurodesenvolvimento. Participaram em torno de 130 pessoas.

(d) Seminário online (22 e 29 de novembro/2024) transmitido por um canal do Youtube²: “Seminário Educação Musical Inclusiva”, com palestras temáticas sobre os seguintes temas: “Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Musical Inclusiva”; “Refletindo sobre Educação Musical Inclusiva, Legislação, Implementação e seus Impactos na Educação Musical”; “Desenvolvimento Musical de Estudantes no Espectro Autista: Reflexões a Partir de uma Pesquisa”, e “Educação Musical e Integração Neurosensorial: Práticas Musicais com Estudantes Autistas”. Até o momento temos, no primeiro dia 1.342 visualizações e no segundo dia, 631 visualizações.

Foram utilizados diversos instrumentos para registro e avaliação das atividades, incluindo: listas de presença, fichas de inscrição, gravação audiovisual (em evento online), relatórios reflexivos, atas de reuniões e portfólios produzidos pela bolsista. Esses documentos contribuíram para o acompanhamento contínuo das ações e para a construção das reflexões apresentadas neste artigo.

Todas as ações foram realizadas em conformidade com os princípios éticos da extensão universitária, respeitando a autonomia dos participantes, a diversidade de saberes e a escuta sensível às demandas locais. As atividades não envolveram coleta de dados com seres humanos em caráter experimental, e por isso não demandaram submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as orientações da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

² Links do Seminário de Educação Musical Inclusiva no canal do Gecom Música:

<https://www.youtube.com/live/wpXRmnT8FNs?si=7oZ9B5l6VC3sSXTp> , <https://www.youtube.com/live/L-NQwHJNMBc?si=FSogkXGRk2Llp5-L>

Figura 1: Cards de divulgação das ações formativas



Fonte: Arquivo Pessoal

4 Conclusão

As experiências vivenciadas ao longo deste plano de trabalho evidenciam o papel transformador da extensão universitária na construção de saberes que articulam teoria e prática, promovem o diálogo entre universidade e sociedade e fortalecem a formação crítica de futuros educadores musicais.

As ações desenvolvidas permitiram a ampliação do debate sobre a inclusão de pessoas com TEA no contexto educacional e revelaram o potencial da música como linguagem acessível, sensível e multissensorial para a promoção de práticas pedagógicas inclusivas. Ao mobilizar diferentes áreas do conhecimento e aproximar sujeitos diversos — educadores, pesquisadores, profissionais da saúde, estudantes e familiares —, o projeto contribuiu para a formação de uma rede colaborativa comprometida com a equidade e com os direitos humanos na educação.

Do ponto de vista formativo, o plano de trabalho proporcionou à bolsista uma vivência acadêmica rica e significativa, ao oportunizar não apenas a apropriação de referenciais teóricos, mas também a escuta ativa, o trabalho coletivo e o enfrentamento de desafios reais do campo educacional. A atuação extensionista possibilitou ainda o desenvolvimento de habilidades interpessoais, sensibilidade, empatia e valores éticos, fundamentais para uma prática docente voltada à inclusão.

Para a área da Educação Musical, experiências vivenciadas como essas, reafirmam a importância de refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem sob a ótica da diversidade, reconhecendo o direito de todos à expressão, à criação e à vivência estética. A abordagem inclusiva na formação docente exige o compromisso contínuo com a atualização pedagógica, com o respeito às singularidades dos estudantes e com a construção de ambientes educacionais mais justos e acolhedores.

Por fim, ressalta-se que, apesar dos avanços alcançados, os desafios persistem — especialmente no que diz respeito à adesão do público, à ampliação das parcerias e à consolidação de políticas institucionais voltadas à inclusão. Tais aspectos indicam a necessidade de continuidade e expansão das ações, reafirmando o potencial da extensão como campo fértil para a inovação pedagógica, o engajamento social e a transformação da realidade educacional.

Referências

BUSCAGLIA, L. F. Trad. R. Mendes. *Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento*, 5a ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FÁVERO, M. A. B.; SANTOS, M. A. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n. 3, p. 358-369, 2005.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/fgLcDdLJcTJK9YJjVHhYTbG/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 1 jul 2025.

LOURO, Viviane. Ensino musical e autismo: relato de uma experiência a partir de uma pesquisa de doutorado em neurociências. *Revista da Abem*, v. 29, n. 1, p. 1-13, 2021.

Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1341> Acesso em: 1 jul. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MORAL, Adriana; FERNANDES, Aparecida Bueno; BERTAGLIA, Bárbara Ariolli; RAMOS, Claudia de Cássia; CAMILO, Daiana de Souza; ORSATI, Fernanda; SUMIYA, Fernando Mitsuo; COSTA, Jardel Meira; PORTOLESE, Joana; SETÚBAL, José Luiz Egydio; BALTAZAR, Juliana; MASSUD, Sandra Garcia; CHAIR, Simone Alli. *Guia para leigos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA)*. São Paulo: Instituto PENSI / Autismo e Realidade, 2020. Disponível em:

<https://autismoerealidade.org.br> Acesso em: 01 jul. 2025.

OLIVEIRA, G.; AMORIM, B. Criança Autista e Educação Musical: Estratégias Pedagógicas e Reflexões. *Anais... X Encontro sobre Música e Inclusão*, 1(1), 2024. Disponível em:

<https://ojs.musica.ufrn.br/emi/article/view/90> . Acesso em 01 jul. 2025.

PINTO, R. N. M.; TORQUATO, I. M. B.; COLLET, N; REICHERT, A. P. S.; SOUZA NETO, V. L.; SARAIVA, A. M. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Rio Grande do Sul, v. 37, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 1 jul 2025.

SANTANA, Lenilce da Silva Reis; PIMENTEL, M. O. Q. Música para olhar do lado de dentro: A Educação Musical e sua influência para o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. In: IX Seminário de Pesquisa em Artes, 2019, Montes Claros. *Anais... Seminário de Pesquisa em Artes*, 2019.

SANTANA, Lenilce da Silva Reis; SILVA JUNIOR, Jose Davison da; SAMPAIO, Renato Tocantins. Reflexões sobre o aprendizado de música de uma criança com autismo a partir de observações sobre a integração sensorial: um estudo de caso. *Orfeu*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 115, 2023. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/23704>

Acesso em: 1 jul. 2025.

SOUZA, N. Z. de; SOUZA, G. B. de, GARCIA, G. F., Manfro, R., OLIVEIRA, J. E. P. de; SOUZA, V. Z. de. A musicoterapia como metodologia ativa a serviço da educação de alunos com transtorno do espectro autista. Revista Caderno Pedagógico, 22 (1), 2025 Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/13731>. Acesso em: 01 jul. 2025.